NO XEOL NÃO EXISTE SABEDORIA

Ana Maria Rizzante Gallazzi

– Vocês têm uma religião da morte que lhes infunde coragem e felicidade para enfrentá-la – disse. – Eu não: acredito que a única coisa essencial é estar vivo.

(Gabriel García Márquez)

A morte é a inimiga
da mulher e do homem.
Da mulher, sobretudo.
Da mãe.
"Tu és pó e ao pó tornarás".
A decisão divina,
após a desobediência do Éden,
está tomada.
"Adam" morrerá,
retornará à terra de onde foi tirado.
E adam que, no jardim,
tinha chamado a mulher de "ishá",
porque tirada do "ish",
ao sair do jardim,
quando ainda ecoam em seus ouvidos
as terríveis palavras de Iahweh Deus,
muda o nome dela.
"Eva": a mãe de todos os viventes.
Eva é a capacidade de resistir,
a possibilidade de enfrentar teimosamente
a realidade inevitável da morte.
Eva, igual a vida,
mesmo fora do jardim,
mesmo longe da árvore da vida.
Os querubins, com sua espada fulgurante,
guardam o caminho da árvore da vida.
Não sabem que a árvore da vida
saiu do jardim junto com adam.
Eva é a árvore da vida que continua ao alcance de adam,
apesar do deserto,

apesar dos querubins e,
se me permitem a aparente blasfêmia,
apesar de Iahweh Deus.
Iahweh Deus fez o adam para cultivar o jardim.
E adam perdeu o jardim.
Iahweh Deus fez a ishá
por entender que adam sozinho não era bom,
para ser sua "ajuda sendo igual".
E ishá continua sendo tudo isso.
Adam não muda seu nome e sua realidade,
continua sendo adam.
Ishá muda.
Ishá, agora, é Eva.
Ishá, que veio do ish,
será a mãe do ish, de todos os adam.
Eva é a mistura vivificadora entre pó e espírito,
capaz de criar um ser vivo.
Como Iahweh Deus.
Ishá é a ação benéfica de Iahweh Deus,
dentro ou fora do jardim.
Só os querubins que estão dentro do coração do adam
têm a trágica capacidade de inutilizar esta bênção.
De lá para cá,
sempre que haverá luta entre vida e morte,
a mulher estará atuando.
Quase sempre ao lado da vida.
Nem sempre, porém.
Os querubins conseguem, às vezes, ter muito poder.

A não ser que a morte vire "religião". A não ser que se separe o espírito do pó, como se os dois pudessem existir separados. Como se somente o espírito fosse de Deus e não o pó. Como se somente o espírito fosse vida e o "pó" simples receptáculo do espírito.

Aí tudo muda.

Aí tudo se legitima: pobreza, escravidão, dominação, humilhações. Afinal isso é coisa do pó, do corpo, não atinge o espírito. Afinal o espírito é imortal, a alma também.

Então não precisa reconstruir o jardim, reconquistá-lo. A árvore da vida a receberemos amanhã, quando o nosso espírito será liberto do pó, do corpo. As chamas dos querubins só podem assustar o corpo, não a alma.

Jardim (= paraíso) só no futuro, só depois da morte do corpo. E assim, até o castigo de Iahweh Deus vai estar sob controle. "Voltarás ao pó" já não significa muita coisa; quem vai voltar ao pó é o corpo do adam. Adam mesmo, seu espírito, voltará para o paraíso.

Aí Eva já não serve mais. Ela só dá vida ao "pó". Então os homens da sinagoga e do templo podem proclamar, como sendo palavra de Iahweh Deus, a mentira mais grosseira: "*Por culpa da mulher entrou o pecado no mundo, por causa dela todos morremos!*"

Mais uma vez, os homens do templo e da sinagoga e os homens das escolas de sabedoria, agora orgulhosos de sua alma, trocam, como adam, o nome da ishá. Não mais Eva, mas morte!

A mulher é assim excluída do processo divino. Menstruação e parto, elementos, antes, sagrados, sinais da força vivificante de Eva, passam a ser considerados impuros e geradores de situações de impureza. O "sacrifício" que abastece o altar dos poderosos torna-se o elemento vivificante. O útero da mulher, onde pó e espírito se misturam, perde esta função de vida. Por causa do sangue e do parto, por causa de seu útero, a mulher terá que pagar.

O grito da mulher ergue-se firme contra esta deturpação religiosa.

> "*No Xeol, para onde vais,*
> *não existe obra, nem reflexão, nem conhecimento e nem sabedoria!*" (Ecl 9,10).

Ação, reflexão, conhecimento e sabedoria não têm lugar depois da morte.

Então para que serve a alma? As "atividades" da alma perdem seu valor no xeol. Nos ensinaram que no paraíso já não existirão fome, dor, sofrimento, mas Coelet nos diz que, lá, o que não vai existir é o conhecimento, a sabedoria, a reflexão.

A alma não terá nenhuma serventia depois da morte ou, pelo menos, não terá o que fazer!

Cáustica, Coelet questiona toda a sabedoria helenista e judaíta. Nada resiste ao teste da morte. Tudo é *hebel*, fumaça, inutilidade, vaidade, vazio.

Rompendo o esquema dualista que vinha se impondo através do mercado e da filosofia grega, a sabedoria popular proclama:

> "*Todos têm um mesmo destino,*
> *o justo e o ímpio,*
> *o bom e o mau,*
> *o puro e o impuro,*
> *quem sacrifica e quem não sacrifica,*
> *quem faz votos e quem deixa de fazê-los.*

Prov. do Paraná e Sta. Catarina
BIBLIOTECA CENTRAL
FREIS CAPUCHINHOS

(...) O mesmo destino cabe a todos.
(...) Os vivos sabem que irão morrer" (Ecl 9,2-5).

Não é a afirmação descrente de um filósofo ateu. É a proclamação de fé de quem sabe que a lógica do "prêmio futuro" serve somente para legitimar uma organização social injusta e imoral, tão injusta e imoral como, por exemplo, o escravagismo dos gregos e dos sacerdotes sadoquitas, seus aliados.

É a mesma lógica de Rute que quer saciar Noemi, garantindo desde já o direito que ela tem à terra, ao pão e ao filho.

É a mesma lógica da Sulamita que se obstina em crer que é possível, contra todas as restrições dos templos e dos palácios, reconstruir um jardim onde o homem e a mulher possam se amar, nus, sem se envergonhar.

Os sinais mais singelos da vida verdadeira, daquela que deveria ser sempre a vida eterna, continuam sendo o pão, o vinho, uma roupa bonita, um perfume na cabeça e o amor de uma mulher. (...)

Isso dá alegria, isso faz feliz o coração, isso significa gozar a vida. Para isso vale a pena gerar filhos: para este paraíso pequeno, simples e verdadeiro.

É preciso reafirmar com força a fé no "nosso" Deus.

O nosso Deus não é aquele que se preocupa com nossa alma e ignora o que acontece com o nosso corpo; o nosso Deus não é aquele que quer os nossos sacrifícios nesta vida para dar-nos a alegria na outra; o nosso Deus não é o Juiz que fica à espreita para verificar nosso proceder e nos retribuir conforme merecemos.

Deus não vai esperar a tua morte para emitir seu frio julgamento.

"*Ele já aceitou as tuas obras*" (Ecl 9,7).

Coelet nos ajuda a sentir que Deus caminha conosco, senta conosco à mesma mesa, dança conosco na mesma festa. Ele é misericórdia, ele nos "ama primeiro" e quer de todas as formas que nós tenhamos nossa "porção" de vida.

Para isso enviou seu filho ao mundo: "*para que tenhamos a vida e a tenhamos em abundância*".

> "*Anda pois e come teu pão com alegria*
> *bebe teu vinho com coração feliz,*
> *porque Deus já aceitou as tuas obras.*
> *Branca seja sempre a tua roupa,*
> *nunca falte perfume em tua cabeça.*
> *Goza a vida com a mulher que amas*
> *(...) Esta é a tua porção"* (Ecl 9,7-9).

"Este é meu corpo, tomai e comei (...) Este é meu sangue, tomai e bebei". Memorial permanente deste projeto de partilha e de alegria, o pão e o vinho da ceia do Senhor continuam presentes em nossas comunidades a nos desafiar a fazer de tudo para que esta porção seja garantida a todos.

Eva, mesmo chorando, só aceita duas maneiras de morrer. Aquela que vem depois de uma vida longa e aquela de quem dá sua vida para que todos tenham vida.

Contra todas as demais formas de morte Eva continuará lutando. Sempre!

Ana Maria Rizzante Gallazzi
Caixa postal 12
68906-970 Macapá, AP